Desinformação e poder: práticas discursivas da extrema-direita nas plataformas digitais (2023-2024)

Disinformation and Power: discursive practices of the far right on digital platforms (2023–2024)

Artigo resultante da pesquisa «A desinformação como estratégia de poder e mobilização virtual», processo nº 2024/04203-8, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Carla Montuori Fernandes
Docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Paulista (UNIP).
carla.montuori@docente.unip.br
ORCID: 0000-0002-7625-8070

Fecha de aceptación: 05/05/2026
Fecha de recepción: 10/10/2025
Más Poder Local. **ISSN: 2172-0223**
Preprint e20260323

Cómo citar el artículo
Fernandes, Carla Montuori (2026): «Desinformação e poder: práticas discursivas da extrema-direita nas plataformas digitais (2023-2024)». *Revista Más Poder Local*, e20260323. DOI: 10.56151/maspoderlocal.323

Resumo

O estudo tem por objetivo analisar a desinformação como instrumento de poder e dominação simbólica pela extrema-direita nas plataformas digitais. A pesquisa baseia-se na análise de 224 postagens publicadas em grupos bolsonaristas do Telegram ao longo de 2024, organizadas em dez categorias temáticas. O método combina análise de conteúdo e análise crítica do discurso, buscando compreender como as mensagens produzem sentidos políticos. Os resultados mostram a predominância de discursos de ódio contra instituições e adversários políticos, difusão de teorias conspiratórias e reforço de narrativas em torno da figura de Bolsonaro. As postagens revelam o uso de linguagem emocional e polarizadora, que estimula a identificação entre seguidores e legitima práticas antidemocráticas. Conclui-se que a desinformação, nesse contexto, atua como estratégia de poder ao transformar crenças e emoções em mecanismos de controle simbólico e engajamento político. As plataformas digitais, ao favorecerem a circulação desses conteúdos, tornam-se espaços centrais de disputa e manutenção de visibilidade do líder de extrema-direira brasileira.

Palavras-chave

Desinformação; poder; mídias digitais; Telegram; Bolsonaro.

Resumen

El estudio tiene como objetivo analizar cómo la desinformación se utiliza como instrumento de poder y dominación simbólica por parte de la extrema derecha en las plataformas digitales. La investigación se basa en el análisis de 224 publicaciones difundidas en grupos bolsonaristas de Telegram a lo largo de 2024, organizadas en diez categorías temáticas. La metodología combina análisis de contenido y análisis crítico del discurso, con el propósito de comprender cómo los mensajes producen significados políticos.Los resultados revelan la predominancia de discursos de odio contra instituciones y adversarios, la difusión de teorías conspirativas y el refuerzo de narrativas centradas en la figura de Bolsonaro. Las publicaciones evidencian el uso de un lenguaje emocional y polarizador que fomenta la identificación entre los seguidores y legitima prácticas antidemocráticas. Se concluye que, en este contexto, la desinformación actúa como una estrategia de poder al transformar creencias y emociones en mecanismos de control simbólico y de movilización política. Las plataformas digitales, al facilitar la circulación de estos contenidos, se convierten en espacios centrales de disputa y de mantenimiento de la visibilidad del líder de extrema derecha brasileño.

Palabras clave

Desinformación; poder; medios digitales; Telegram; Bolsonaro.

1. Introdução

Esta pesquisa analisa a desinformação como uma estratégia de consolidação de poder político, com ênfase em seus efeitos sobre a erosão democrática e a deslegitimação de instituições públicas. A compreensão da desinformação como tecnologia de poder encontra respaldo na perspectiva foucaultiana, segundo a qual o discurso opera como prática social e relacional, estruturando regimes de verdade e formas de controle simbólico (Foucault, 1979; 1996). Nesse sentido, a circulação de narrativas desinformativas não constitui apenas um problema informacional, mas um mecanismo de produção de sentido que interfere diretamente na organização do campo político.

O estudo insere-se no contexto da política brasileira recente, marcada pelos ataques ao patrimônio público em Brasília, em 8 de janeiro de 2023, episódio amplamente interpretado como um desdobramento das campanhas de desinformação que questionaram a legitimidade das urnas eletrônicas e estimularam narrativas de fraude eleitoral após as eleições presidenciais de 2022. Na ocasião, Luiz Inácio Lula da Silva (PT) derrotou o então presidente Jair Bolsonaro (PL), candidato à reeleição (Fernandes *et al.*, 2025). Esse processo revela como disputas narrativas no ambiente digital podem extrapolar o plano simbólico e produzir efeitos concretos sobre a estabilidade democrática.

Tal dinâmica pode ser compreendida no interior do que Cesarino (2020; 2022) denomina «populismo digital», fenômeno no qual atores políticos mobilizam afetos, algoritmos e moralidades políticas para construir comunidades de pertencimento baseadas na oposição ao sistema político e institucional. Embora o caso brasileiro apresente características próprias, ele se insere em um movimento mais amplo observado em diferentes países do espaço ibero-americano, no qual lideranças e partidos de extrema-direita têm mobilizado estratégias discursivas semelhantes para ampliar sua base de apoio político.

Ainda que com especificidades locais, Fuentes Codera e Rodrigo (2024) apontam que tais fenômenos convergem na constituição do que pode ser descrito como uma «normalidade patológica», caracterizada pela crescente aceitação social de discursos e lideranças autoritárias no interior das democracias liberais. Parte significativa do eleitorado passa a aderir a projetos políticos marcados por orientações populistas, nativistas e autoritárias, capazes de canalizar frustrações sociais e redefinir os limites do debate democrático. Paralelamente, observa-se um processo de normalização política no qual partidos da direita tradicional e determinados setores da mídia passam a reconhecer lideranças extremistas como alternativas legítimas para derrotar adversários políticos. Esse movimento contribui para deslocar tais atores para o centro do debate público, ampliando sua visibilidade e facilitando sua ascensão a posições de poder (Fuentes Codera; Rodrigo, 2024; Ramírez; Vommaro, 2024).

No contexto de convergência estrutural da extrema-direita no espaço ibero-americano, as diferentes experiências nacionais revelam, contudo, configurações ideológicas e programáticas distintas. No Brasil, o bolsonarismo tem sido caracterizado como uma forma de fascismo periférico que combina militarismo, reacionarismo moral e uma idealização do passado ditatorial. Já o projeto político de Javier Milei, na Argentina, baseia-se em um ultraneo-

liberalismo de inspiração anarcocapitalista, no qual a liberdade econômica ocupa posição central (Reis, 2024; Ramírez; Vommaro, 2024). Por sua vez, o partido espanhol Vox e o português Chega estruturam grande parte de suas agendas em torno do nativismo e do controle rigoroso da imigração, posicionando-se como defensores da identidade nacional frente ao multiculturalismo, tema que ganhou crescente centralidade no debate político português nos últimos anos (Fuentes Codera; Rodrigo, 2024; Pimenta; Magalhães, 2025). Como observa Da Empoli (2020), no cerne desse cenário a desinformação assume papel central ao integrar estratégias deliberadas de manipulação política que exploram a infraestrutura emocional das redes digitais.

Nessa perspectiva, o artigo busca responder de que maneira a desinformação é instrumentalizada como ferramenta de poder por atores da extrema-direita em ambientes digitais, particularmente em grupos de apoio ao ex-presidente Bolsonaro na plataforma Telegram? O objetivo geral consiste em analisar as práticas discursivas mobilizadas nesses grupos, com três objetivos específicos: (i) identificar padrões discursivos recorrentes; (ii) classificar as mensagens em categorias temáticas; e (iii) investigar como tais discursos produzem sentidos políticos e mobilizam engajamento por meio de estratégias de controle simbólico.

A pesquisa parte da hipótese de que a rede bolsonarista opera sob a lógica da desinformação como instrumento de manutenção de visibilidade política de Bolsonaro no cenário nacional, mesmo após sua inelegibilidade para as eleições de 2026. Desde a campanha eleitoral de 2018, o ex-presidente tem utilizado estratégias comunicacionais baseadas na circulação de narrativas desinformativas para enfrentar adversários políticos e mobilizar sua base de apoio. Nesse processo, a retórica de oposição às instituições, incluindo imprensa, universidades, sistema eleitoral e partidos de esquerda, particularmente o Partido dos Trabalhadores (PT) se consolidou como elemento central de sua estratégia política.

O corpus de análise é composto por 224 postagens originalmente provenientes de grupos bolsonaristas na plataforma Telegram, mas acessadas por meio da curadoria realizada pelo perfil *@printsminions* na plataforma X (antigo Twitter). Esse perfil reúne e publica capturas de tela de mensagens compartilhadas nesses ambientes, permitindo observar a circulação, amplificação e ressignificação de conteúdos no ecossistema de desinformação digital. A utilização desse material implica algumas condições específicas de coleta. Como a seleção das postagens é mediada pela curadoria do perfil, os conteúdos analisados correspondem a um recorte daquilo que circula nesses grupos, podendo privilegiar mensagens que alcançam maior visibilidade ou repercussão. Ainda assim, o material constitui um registro relevante das narrativas e enquadramentos discursivos presentes no espaço digital.

O Telegram tem sido progressivamente incorporado às análises sobre comunicação política digital em razão de sua arquitetura sociotécnica particular. Diferentemente de plataformas estruturadas predominantemente por feeds algorítmicos e sistemas intensivos de recomendação, Tucci e Golveia (2025) argumentam que o Telegram organiza a circulação de conteúdos por meio de canais, grupos e mecanismos de encaminhamento de mensagens. O modelo de negócio favorece dinâmicas de difusão baseadas em redes de

compartilhamento entre usuários e administradores de canais, permitindo que determinados atores assumam centralidade informacional ao atuar como mediadores ou amplificadores de conteúdos.

Além da dimensão estrutural, a empresa privada controlada por Pavel Durov, constrói discursivamente sua identidade associando-se a valores como privacidade, liberdade de expressão e menor intervenção na moderação de conteúdos, apresentando-se como alternativa às plataformas dominantes do ambiente digital. Como argumentam Wijermars e Lokot (2022), esse enquadramento contribui para que a plataforma seja percebida, em diferentes contextos políticos, como um espaço relativamente autônomo em relação às pressões estatais e corporativas, influenciando tanto as práticas de uso quanto as interpretações públicas sobre seu papel no ambiente informacional.

Considerando as características do ambiente comunicacional analisado, a metodologia baseia-se na análise de conteúdo com enfoque qualitativo, articulando perspectivas da comunicação política, da comunicação digital e dos estudos sobre desinformação. Para a leitura discursiva, adota-se o modelo tridimensional de Fairclough (2001), que considera as dimensões textual, discursiva e social, permitindo compreender como práticas comunicativas refletem e reproduzem relações de poder.

A análise busca identificar a recorrência de marcadores discursivos como anti-institucionalismo, apelos emocionais e o uso de símbolos patrióticos na construção de narrativas antidemocráticas. Entende-se aqui por anti-institucionalismo o conjunto de discursos que procuram deslegitimar instituições democráticas, como tribunais, sistema eleitoral, imprensa e parlamento, ao apresentá-las como corruptas ou manipuladas por elites (Mudde, 2007; Müller, 2016; Levitsky; Ziblatt, 2018). Tais elementos, como observa Gerbaudo (2018), são característicos da retórica populista digital, que mobiliza afetos negativos como medo, raiva e ressentimento para intensificar processos de engajamento político e polarização.

Por fim, parte-se do pressuposto de que a desinformação, no contexto das redes digitais, não opera apenas como distorção factual, mas como prática discursiva orientada à produção de sentidos políticos e à mobilização de comunidades de apoio. Conforme argumentam Wardle e Derakhshan (2017), a desinformação constitui um ecossistema comunicacional que articula manipulação emocional, enquadramentos seletivos da realidade e objetivos estratégicos. No caso brasileiro, tais dinâmicas contribuem para a intensificação de conflitos simbólicos no espaço público digital e para a construção de narrativas que questionam a legitimidade das instituições democráticas (Fernandes *et al.*, 2021). A análise das postagens selecionadas busca, portanto, compreender como essas práticas discursivas se organizam e circulam no interior das redes de apoio ao ex-presidente Bolsonaro.

2. Poder, discurso e desinformação na ecologia algorítmica

O poder, nas sociedades contemporâneas, assume formas difusas e imateriais, operando de modo capilar sobre corpos, discursos e afetos. Foucault (2008) desloca o entendimento clássico do poder soberano para as dinâmicas de gestão da vida, o biopoder, enfatizando a centralidade do discurso como dispositivo de regulação social. Para o autor (2008), o poder não se limita à repressão, mas produz verdades e sujeitos, definindo quem pode falar, o que pode ser dito e em quais condições determinadas discursos se tornam legítimos. Bourdieu (1989) amplia essa leitura ao compreender o campo político como espaço de disputas simbólicas estruturado pelos capitais econômico, cultural e simbólico, que condicionam o acesso à palavra pública e à autoridade discursiva. Assim, controlar os regimes de produção da verdade constitui uma forma central de dominação nas sociedades contemporâneas.

Na ecologia digital, as dinâmicas de poder se intensificam e adquirem novas mediações tecnológicas. As plataformas digitais reorganizam a circulação da informação por meio de sistemas algorítmicos que estruturam regimes de visibilidade, ordenando aquilo que ganha alcance público e aquilo que permanece invisível. Nesse contexto, o poder não se impõe prioritariamente por coerção direta, mas pela modulação do comportamento e pela gestão da atenção, configurando uma forma de biopoder algorítmico orientada pela personalização e pela vigilância contínua. Bruno, Bentes e Faltay (2019) denominam esse processo de «economia psíquica dos algoritmos», destacando que a captura da atenção e a indução de afetos constituem elementos estruturais do funcionamento das plataformas, nas quais o engajamento se converte simultaneamente em valor econômico e político.

Como observa Rêgo (2020), a arquitetura das plataformas também redefine os processos de circulação informacional. As redes sociais contemporâneas, marcadas pela ausência de fronteiras institucionais claras, tornam-se espaços híbridos de regulação da vida social, nos quais o controle informacional é exercido tanto por atores estatais quanto por corporações privadas. A opacidade dos sistemas, como apontam Mendonça, Filgueiras e Almeida (2025), desloca parte significativa do poder decisório do campo público para a arquitetura técnica das plataformas, onde o controle se realiza de forma invisível e automatizada.

Ainda, na dinâmica das plataformas sociais, os mecanismos de filtragem algorítmica tendem a reforçar processos de enclausuramento cognitivo, frequentemente descritos como bolhas informacionais (filter bubbles), criando ambientes comunicacionais marcados pela repetição de conteúdos e pelo reforço de crenças prévias (Pariser, 2011; Recuero, Zago e Soares 2017). Nesse cenário, a desinformação pode ser compreendida como prática discursiva inserida em relações de poder.

Fairclough (2001) propõe analisar os fenômenos discursivos da desinformação a partir de três dimensões interligadas: textual, discursiva e social. No nível textual, a manipulação da linguagem estrutura a mensagem persuasiva; no nível discursivo, a prática comunicativa é moldada por estratégias de circulação e objetivos políticos específicos; e, no nível social, tais discursos contribuem para reproduzir ideologias e relações de hegemonia. Sob essa

perspectiva, a circulação de conteúdos falsos ou distorcidos nas redes digitais pode ser interpretada como parte de disputas pela produção da verdade e pela definição do que se torna socialmente reconhecido como legítimo.

A literatura recente aponta que tais dinâmicas são particularmente exploradas por discursos políticos de caráter populista. Para Machado (2025), o ambiente digital, marcado pela assimetria de poder informacional e pela circulação massiva de conteúdos enviesados, tornou-se terreno fértil para estratégias comunicacionais baseadas na simplificação retórica, na deslegitimação da imprensa e da ciência e na mobilização de afetos negativos, como medo, ressentimento e indignação. Papacharissi (2015), Gerbaudo (2018) e Mouffe (2018) destacam que tais emoções desempenham papel central na formação de comunidades políticas baseadas em antagonismos, nas quais a identidade coletiva é construída pela oposição a inimigos comuns.

No contexto brasileiro, essas dinâmicas encontram expressão significativa no bolsonarismo. O movimento político associado ao ex-presidente Bolsonaro organiza-se discursivamente pela mobilização de afetos antissistêmicos, entendidos como emoções políticas como ressentimento, indignação e medo dirigidas contra instituições, elites políticas e o próprio sistema democrático. Como demonstram estudos recentes (Autores, 2023), a comunicação bolsonarista apropria-se das dinâmicas da circulação digital para difundir narrativas desinformativas que negam evidências científicas, questionam a credibilidade do jornalismo profissional e reforçam um *ethos* autoritário sustentado por retóricas moralizantes. Nessa lógica, a verdade deixa de operar como critério epistêmico e passa a funcionar como marcador identitário.

A eficácia desse tipo de discurso não reside necessariamente em sua coerência factual, mas em sua capacidade de mobilizar afetos e produzir pertencimento político. Nesse sentido, a desinformação torna-se parte funcional de uma economia política da atenção, na qual o engajamento constitui a principal moeda de valor e o conflito se converte em motor da visibilidade. Como observa Konieczny (2022), no discurso político contemporâneo a linguagem pode operar como instrumento de eliminação simbólica da oposição e de manutenção do poder, contribuindo para a radicalização do espaço público.

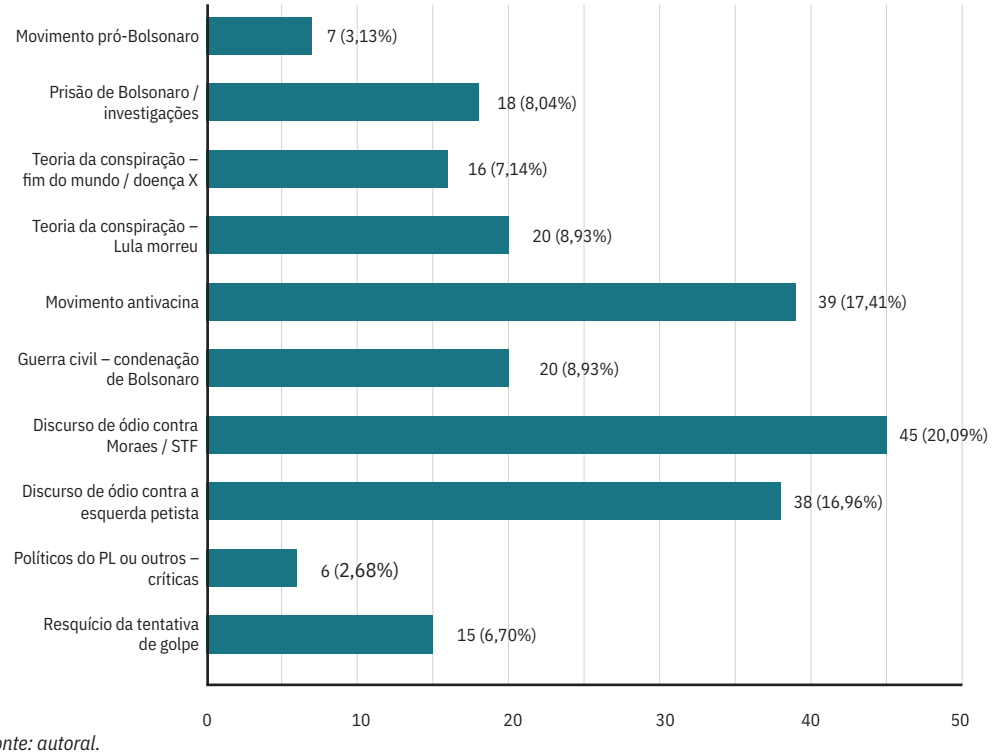
3. Metodologia: estudo discursivo da desinformação e do discurso de ódio nas plataformas

O corpus da pesquisa é composto por 224 postagens publicadas em grupos públicos do Telegram associados ao ecossistema bolsonarista ao longo de 2024. Foram considerados para a composição do corpus conteúdos textuais ou multimodais com caráter político, relacionados a temas como ataques a instituições democráticas, mobilização de apoiadores, teorias conspiratórias e desinformação sobre atores políticos. Postagens de caráter administrativo, mensagens automatizadas ou conteúdos sem relação com o debate político foram descartados.

Após a coleta inicial, o material passou por um processo de curadoria voltado à organização e sistematização das postagens em planilha de análise, contendo identificação do conteúdo, data de publicação e temática predominante. Em seguida, realizou-se a eliminação de duplicatas, removendo mensagens replicadas ou compartilhadas repetidamente dentro dos grupos, com o objetivo de evitar distorções quantitativas. Também foram excluídos conteúdos sem pertinência com o problema de pesquisa, como mensagens pessoais ou publicidade.

A análise do material foi realizada por meio da combinação entre análise de conteúdo e análise crítica do discurso, abordagem que permite identificar padrões temáticos e, simultaneamente, compreender as dimensões simbólicas e ideológicas presentes nas mensagens. Inicialmente foi conduzido um processo de codificação temática, a partir do qual emergiram dez categorias analíticas que organizam os principais eixos discursivos presentes no corpus. A distribuição das postagens por categoria é apresentada no Gráfico I a seguir.

Gráfico I. Distribuição das postagens por categoria.



Fonte: autoral.

A fim de evidenciar visualmente as diferenças de frequência entre as categorias identificadas, os dados também são apresentados no Gráfico I.

A primeira análise refere-se à prevalência dos discursos de ódio, especialmente contra o Supremo Tribunal Federal (STF) e seus ministros, e con-

tra a esquerda vinculada ao Partido dos Trabalhadores (PT). O discurso de ódio contra Moraes/STF foi a categoria mais recorrente, com 45 ocorrências (20,1%) do total. Em seguida, aparece o discurso de ódio contra a esquerda petista, com 38 registros (17%). Somadas, essas duas categorias representam 37,1% das postagens, indicando centralidade do antagonismo institucional e político no discurso bolsonarista.

Outro eixo relevante foi a produção e circulação de desinformação e teorias conspiratórias. O movimento antivacina ocupou posição de destaque, com 39 menções (17,4%), superando até mesmo a pauta eleitoral ou de defesa direta do ex-presidente. Já as teorias conspiratórias mais específicas, como a de que «Lula morreu» (20 ocorrências; 8,9%) ou previsões apocalípticas associadas à «doença X» (16 ocorrências; 7,1%), somaram 36 postagens (16%), o que confirma a relevância da narrativa conspiracionista como elemento estruturante no engajamento desses grupos.

A pauta diretamente relacionada ao ex-presidente Bolsonaro também teve expressiva presença. A condenação do ex-presidente e risco de guerra civil apareceu em 20 registros (8,9%), enquanto a categoria prisão de Bolsonaro/investigações somou 18 postagens (8%). Já os conteúdos classificados como pós-Bolsonaro, que sinalizam uma reorganização do campo bolsonarista em busca de alternativas ou sucessores, foram minoritários (7 ocorrências; 3,1%), mas relevantes para indicar tendências de fragmentação interna. Por fim, categorias mais pontuais tiveram baixa incidência, como o resquício da tentativa de golpe de 8 de janeiro (15 registros; 6,7%) e as críticas a políticos do PL ou de outros partidos (6 registros; 2,7%). Em síntese, a análise quantitativa foi reestruturada em três núcleos principais de circulação de conteúdo:

1. Hostilidade contra instituições e adversários políticos (37,1% do total).

2. Propagação de desinformação científica e teorias da conspiração (33,4% do total).

3. Narrativas sobre Bolsonaro, sua liderança e o futuro do movimento (20% do total).

Para examinar discursivamente as postagens, adotou-se a abordagem teórica proposta por Fairclough (2001). Seu modelo tridimensional permite compreender as práticas discursivas do perfil *@printsminions*, articulando três níveis de análise: o textual, que se ocupa das escolhas linguísticas e estruturais; o da prática discursiva, que observa os processos de produção, circulação e recepção dos textos; e o da prática social, que situa o discurso em seus contextos sociopolíticos mais amplos. Esses três eixos visam elucidar como o discurso se relaciona com as estruturas sociais, políticas e culturais que o sustentam.

No plano textual, Fairclough (2001) organiza a análise em quatro dimensões: vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual. O vocabulário diz respeito às palavras em si; a gramática analisa a maneira como elas se combinam em frases e orações; a coesão examina os mecanismos que conectam essas partes, conferindo continuidade ao texto; e a estrutura textual aborda

sua organização global, ou seja, a forma como os elementos se articulam para compor um todo coerente.

Na perspectiva do discurso como prática discursiva, o autor (2001) ressalta a necessidade de investigar os modos de produção, distribuição e consumo dos textos, condicionados por fatores sociais e institucionais. Assim, diferentes discursos apresentam graus distintos de complexidade, refletindo suas rotinas de circulação, formas de apropriação e estratégias de reformulação.

Por fim, a dimensão do discurso como prática social enfatiza sua função na constituição e manutenção das relações de poder. Embora nem todo discurso seja abertamente ideológico, as práticas discursivas são sempre atravessadas por ideologias, na medida em que contribuem para sustentar ou modificar estruturas sociais existentes. Dessa forma, compreender o discurso como prática social implica desvelar as conexões entre linguagem, ideologia e poder na vida coletiva.

4. Análise dos resultados

A análise das postagens do perfil *@printsminions*, orientada pelo modelo tridimensional de Fairclough (2001), contemplou os três níveis de investigação proposta pelo autor, com seleção de duas postagens dos núcleos centrais, em conformidade com os limites estabelecidos para o artigo. No nível textual, foram observados elementos linguísticos e semióticos presentes nas postagens, como escolhas lexicais, construções discursivas e recursos multimodais mobilizados na formulação das mensagens. Essa etapa buscou identificar padrões de linguagem recorrentes na construção dos discursos analisados.

No nível das práticas discursivas, a análise concentrou-se nos modos de produção, circulação e compartilhamento das mensagens nos grupos de Telegram investigados. Nesse plano, foram consideradas as relações de intertextualidade e interdiscursividade presentes nas postagens, bem como a forma como determinados conteúdos são replicados, apropriados e ressignificados pelos participantes das comunidades digitais. Por fim, no nível da prática social, procurou-se compreender como esses discursos se articulam a disputas ideológicas e a processos de construção de hegemonia no contexto político contemporâneo. Essa etapa analítica permitiu situar as narrativas identificadas no corpus em relação a dinâmicas mais amplas de polarização política, mobilização digital e circulação de desinformação nas redes sociais.

Na categoria «Hostilidade contra instituições e adversários políticos», foi selecionada postagem que critica o ministro Alexandre de Moraes (Imagem 1), retratando-o como alguém que exerce um suposto excesso de poder nas decisões relativas a Bolsonaro e sugerindo que seu comportamento revelaria traços de desequilíbrio ou transtornos mentais.

A Telegram 1 reflete, no nível textual, o uso de vocabulário patologizante e ofensivo, com termos como «sem autocontrole», «não tem sanidade», «me-

galomania», «delírio de grandeza», «doido» e «esquizofrênico». A gramática apresenta estrutura diagnóstica, marcada por tom de certeza em enunciados como «não tem sanidade mental» e «sofre de megalomania». A coesão organiza-se em uma narrativa linear que associa Alexandre de Moraes à ideia de doença mental, incapacidade e ameaça. Como estratégia retórica, a postagem busca deslegitimar a autoridade por meio de ataques pessoais, utilizando uma linguagem médica distorcida para conferir aparência de objetividade e racionalidade.

Telegram 1. Criticas ao Ministro Alexandre de Moraes.

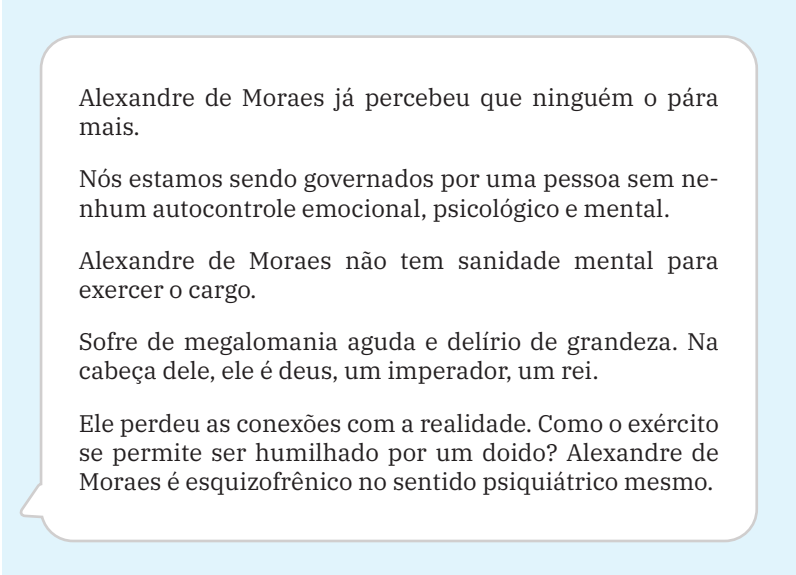


Foto: perfil @printsminions.

No campo das práticas discursivas, a postagem tem origem em um grupo bolsonarista no Telegram, ambiente em que circulam ataques sistemáticos ao STF. O conteúdo foi coletado e redistribuído pelo perfil *@printsminions*, ampliando sua visibilidade. Sua recepção atua como reforço da ideia de que Moraes é um inimigo, legitimando a rejeição às decisões do STF. Há intertextualidade com discursos conspiratórios de perseguição política e de demonização das instituições democráticas, além de interdiscursividade, ao mesclar elementos do discurso político (crítica institucional), médico-psiquiátrico deturpado (uso de terminologia clínica) e moral-religioso (figuras de «imperador», «rei» ou «deus» associadas ao delírio de grandeza).

Na dimensão da prática social, o discurso se insere em um contexto de polarização extrema e de ataques ao STF no cenário político brasileiro. A ideologia subjacente atua como estratégia contra-hegemônica, buscando enfraquecer a legitimidade de Alexandre de Moraes e, por consequência, do próprio STF. O discurso de poder constrói a imagem de Moraes como «louco perigoso», reforçando a narrativa de que o país estaria sob domínio ilegítimo. Como consequência social, observa-se a naturalização da patologização

como forma de ataque político, contribuindo para a desinformação e a descredibilização institucional.

Ainda na linha de ataque às instituições, a Telegram 2. Revolta contra as instituições, apresenta uma postagem que expressa discurso de ódio e ofensas direcionadas ao STF, ao presidente Lula e ao na ocasião presidentes da Câmara dos Deputados, Arthur Lira, e do Senado Federal, Rodrigo Pacheco.

Telegram 2. Revolta contra as instituições, perfil @printsminions.

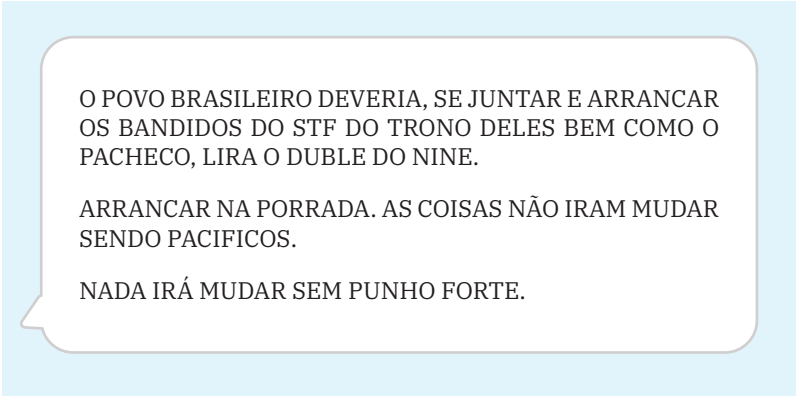


Foto: perfil @printsminions.

A análise da postagem evidencia a materialização de um discurso de ódio que combina elementos de incitação à violência, deslegitimação institucional e retórica de insurreição popular. No nível textual, o vocabulário é permeado por termos agressivos e depreciativos, como «bandidos», «arrancar na porrada» e «punho forte», que funcionam como marcadores de um ethos combativo e autoritário. A gramática apresenta uma estrutura imperativa («deveria se juntar», «arrancar os bandidos»), que confere ao enunciado um caráter prescritivo, incitando à ação violenta e imediata. A coesão se estabelece pela repetição de expressões de força e pela oposição entre o «povo brasileiro» e as autoridades nomeadas, o STF, o Senado e a Câmara dos Deputados, criando uma dicotomia moral entre governantes corruptos e cidadãos justos. A estrutura textual, linear e em caixa alta, reforça o tom de urgência e indignação, intensificando o apelo emocional e performativo da mensagem.

Na dimensão das práticas discursivas, a postagem circula em grupos bolsonaristas no Telegram, ambientes caracterizados por dinâmicas de reforço coletivo e validação mútua de discursos antidemocráticos. O texto reproduz estratégias comuns de radicalização digital, nas quais a violência é apresentada como única via legítima de transformação política. Essa prática discursiva mobiliza elementos de intertextualidade com o discurso político de extrema direita, que se apoia na retórica da «luta contra o sistema» e na exaltação do «povo de bem» como sujeito revolucionário. A interdiscursividade manifesta-se na fusão de registros políticos e morais, em que a força física e o confronto substituem o diálogo institucional como forma de ação

legítima, reproduzindo padrões retóricos de movimentos autoritários e insurrecionais.

Na dimensão da prática social, o discurso expressa a crise de legitimidade das instituições democráticas e a normalização simbólica da violência como instrumento de poder. Ao incitar a tomada «na porrada» de representantes do Legislativo e do Judiciário, o enunciado rompe os limites do dissenso político e naturaliza o ódio como modo de intervenção pública. Essa formulação discursiva atua como dispositivo de poder no sentido foucaultiano, pois transforma a linguagem em prática de resistência violenta, reorganizando afetos e redefinindo o campo da ação política. A retórica de que «nada irá mudar sem punho forte» ecoa uma lógica autoritária, que substitui a deliberação democrática pela força e pela coerção. Assim, a postagem evidencia como as práticas discursivas da extrema direita convertem a frustração política em energia de mobilização antidemocrática, reforçando a erosão da esfera pública e a substituição da palavra pelo ataque.

Já no núcleo «Propagação de desinformação científica e teorias da conspiração», foi selecionada postagem que reproduz teoria conspiratória contrária às vacinas (Telegram 3), que se conecta a outras publicações que difundem narrativas similares, como as que afirmam que o presidente Lula e membros do STF estariam mortos, ou que haveria planos para disseminar uma doença com o objetivo de exterminar a humanidade. Tais conteúdos estabelecem uma rede discursiva que associa indústrias dos setores farmacêutico e tecnológico a supostas práticas conspiratórias, reforçando a desconfiança em relação às instituições científicas e às políticas públicas de saúde.

Telegram 3. Teoria conspiratória contrária às vacinas.

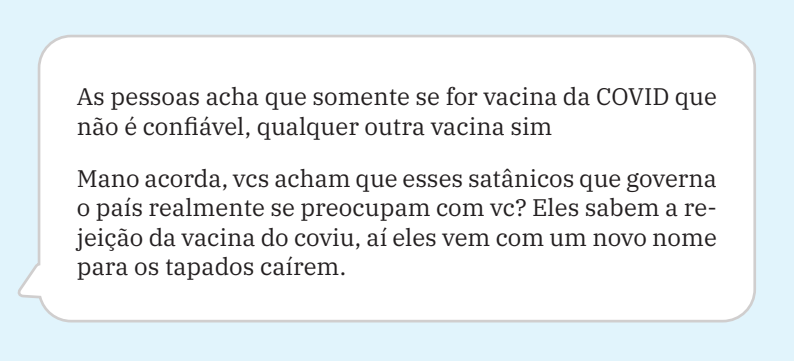


Foto: perfil @printsminions.

A análise tridimensional da postagem revela uma construção discursiva centrada na deslegitimação das instituições e na propagação de uma visão conspiratória. No nível textual, observa-se o uso de vocabulário pejorativo e depreciativo como «tapados», «satânicos» e «coviu», que reforça a oposição entre os supostos cidadãos «enganados» e os «governantes manipula-

dores». A gramática é marcada por frases curtas, imperativas e coloquiais, como «Mano acorda» e «vcs acham», o que cria um efeito de proximidade e urgência, típico de interações em ambientes digitais. A coesão se estrutura em torno da dicotomia entre «nós» (povo) e «eles» (governantes), produzindo uma narrativa moralizante que divide o campo social entre amigos e inimigos. A estrutura textual é predominantemente de denúncia, com linguagem oralizada e erros ortográficos, como « «governa» por «governam», que podem refletir tanto a espontaneidade da escrita em redes sociais quanto uma estratégia de identificação com o público-alvo.

Nas práticas discursivas, de maneira semelhante aos demais, a postagem foi produzida em um grupo de Telegram de orientação bolsonarista, ambiente caracterizado pela baixa mediação institucional e pela intensa circulação de conteúdos desinformativos. Em termos de recepção, o discurso atua como um elemento de reforço identitário, em que os interlocutores do grupo tendem a reconhecer-se nas mensagens e a fortalecer vínculos emocionais e simbólicos em torno da oposição ao «inimigo», representado por instituições, vacinas e o governo. A intertextualidade evidencia ecos de narrativas antivacina já consolidadas, que desacreditam a ciência e o Estado, enquanto a interdiscursividade combina elementos religiosos/messiânicos (a ideia de satanismo), políticos (a desconfiança nas autoridades) e pseudocientíficos (as vacinas como instrumentos de controle).

Na dimensão da prática social, o discurso reflete o contexto de polarização e desinformação intensificado no Brasil pós-pandemia. Ao rejeitar políticas públicas de saúde e deslegitimar autoridades científicas e governamentais, esse tipo de enunciado reforça ideologias contra-hegemônicas; contudo, paradoxalmente, contribui para consolidar uma hegemonia interna no campo bolsonarista, criando um senso de comunidade entre seus adeptos. Atribuindo intenções maléficas a atores institucionais, como na expressão «satânicos que governa o país», a postagem legitima a lógica do inimigo e a resistência simbólica contra o Estado. Dessa forma, evidencia-se como as práticas discursivas antivacina se inserem em uma dinâmica global de desinformação, mas articuladas a um contexto local de disputa política e de mobilização afetiva.

Outra postagem selecionada como exemplo aborda a suposta morte de Lula e sua substituição por sósias, analisada à luz da teoria, a partir da Telegram 4. Teoria da conspiração: os sósias de Lula.

A análise da postagem revela uma construção discursiva orientada pela negação da realidade factual e pela disseminação de uma teoria conspiratória que busca deslegitimar uma figura política central. No nível textual, o vocabulário é marcado pela informalidade e pelo uso de expressões coloquiais como «o Lula morreu???», «tem uns 5 sósias» e «deram o golpe», que produzem efeito de oralidade e cumplicidade entre os interlocutores. A gramática apresenta frases curtas e interrogativas, próprias de conversas instantâneas, que reforçam o caráter especulativo e duvidoso da narrativa. A coesão textual é mantida pela repetição do tema da morte e pela associação com eventos conhecidos («lembra do soco na boca do estômago da repórter»), recurso que confere aparência de veracidade ao conteúdo. A estrutura textual se organiza como uma conversa em tom de confidência, na qual o boato é apresentado

como informação exclusiva, o que aumenta o engajamento emocional e a sensação de pertencimento ao grupo.

Telegram 4. Teoria da conspiração: os sósias de Lula.

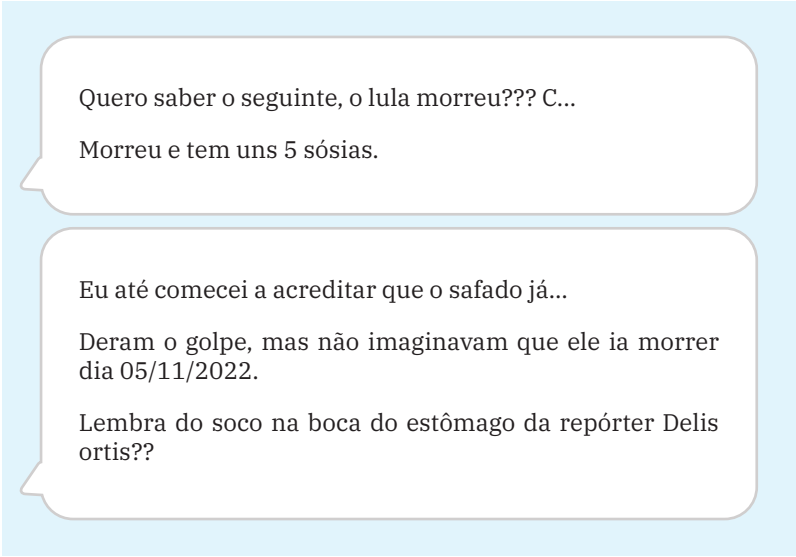


Foto: perfil @printsminions.

Nas práticas discursivas, a postagem circula em um grupo de Telegram de orientação bolsonarista, ambiente caracterizado pela baixa regulação e pela intensa recirculação de conteúdos desinformativos. A interação entre os participantes, marcada por trocas rápidas e reafirmações mútuas, evidencia um processo de coprodução da desinformação, em que cada comentário contribui para legitimar o boato e transformá-lo em verdade compartilhada. Essa dinâmica reforça laços identitários e fortalece a coesão do grupo, sustentada pela oposição simbólica ao sistema e às instituições oficiais. A intertextualidade remete a outras teorias conspiratórias amplamente difundidas, como as que afirmam substituições de figuras políticas ou manipulações midiáticas, enquanto a interdiscursividade mobiliza elementos de descrédito institucional, paranoia e moralidade política.

Na dimensão da prática social, o discurso reflete um contexto de erosão da confiança pública e de instrumentalização política da desinformação. Ao sugerir que Lula foi substituído por sósias e que sua morte teria sido encoberta, a postagem não apenas nega o real, mas também reforça a ideia de que o Estado e a mídia agem de forma orquestrada para enganar a população. Assim, a teoria conspiratória da morte de Lula opera como dispositivo discursivo de poder, pois reorganiza percepções, produz crença e reafirma fronteiras identitárias, convertendo a desinformação em prática de resistência simbólica e de coesão ideológica.

Telegram 5. Criticas e Ameaças.

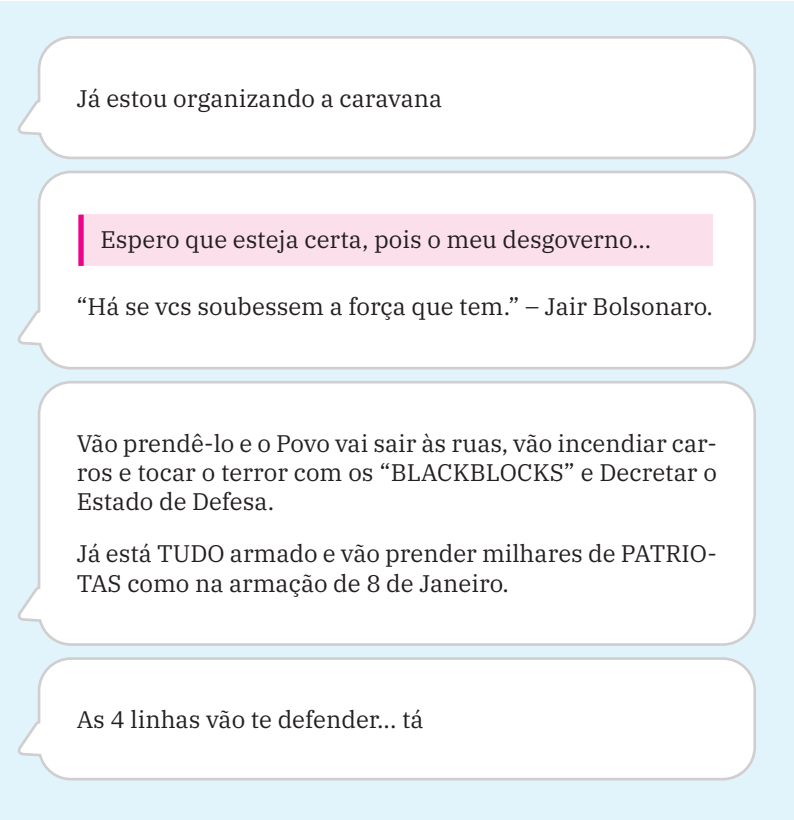


Foto: perfil @printsminions.

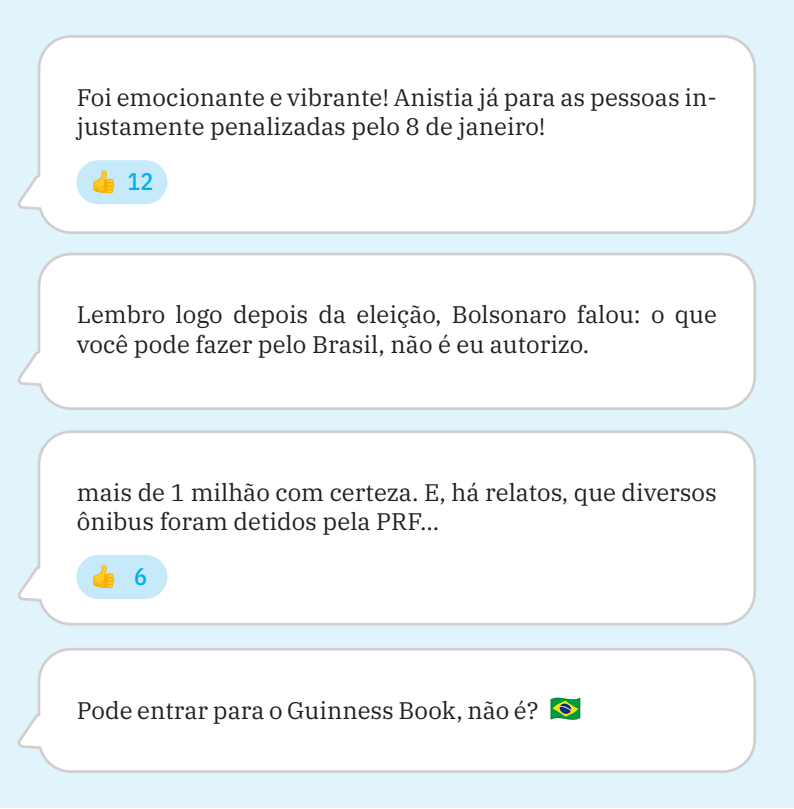
No núcleo Narrativas sobre Bolsonaro, sua liderança e o futuro do movimento, as postagens expressam críticas aos desdobramentos do processo jurídico referente à tentativa de golpe de Estado ocorrida em 8 de janeiro. Esses conteúdos refletem tanto a investigação e a possível condenação de Bolsonaro e de seus apoiadores envolvidos nos ataques, quanto a mobilização de atos em sua defesa, mencionados nas próprias mensagens. Além disso, evidencia-se um tom de ameaça e insinuações de retaliação caso o ex-presidente venha a ser condenado ou preso, revelando o caráter mobilizador e confrontacional das postagens. A Imagem 5. Criticas e Ameaças, retrata esse cenário.

Na postagem analisada, observa-se o uso de um vocabulário fortemente mobilizador e conspiratório, com termos como «caravana», «patriotas», «BLACKBLOCKS», «armado» e «armação de 8 de Janeiro». A estrutura gramatical é marcada por frases prescritivas e assertivas, «Já estou organizando», «Vão prendê-lo», «Já está TUDO armado», que produzem um efeito de urgência e de certeza sobre os fatos narrados. A coesão textual articula elementos de ameaça «incendiar carros», de mobilização coletiva «milhares de PATRIOTAS» e de defesa simbólica «as 4 linhas vão te defender», compondo uma narrativa que legitima a resistência contra as instituições.

A mensagem circula em grupos bolsonaristas no Telegram, caracterizados por convocação e denúncia, e foi posteriormente coletada e redistribuída pelo perfil *@printsminions*, ampliando seu alcance. O texto é dirigido a um público alinhado ideologicamente, buscando mobilizar apoiadores e reforçar a narrativa de perseguição política. Há intertextualidade explícita com o discurso de Bolsonaro, e o evento de 8 de janeiro é utilizado como referência simbólica de resistência. Do ponto de vista da interdiscursividade, combinam-se traços de discursos militar e mobilizador «caravana», «Estado de Defesa», conspiratório «tudo armado» e religioso-constitucional «as 4 linhas vão te defender», compondo uma retórica híbrida de fé, luta e denúncia.

No plano social, o texto se insere no contexto pós-8 de janeiro, marcado por intensa radicalização política e contestação de decisões judiciais. Ideologicamente, reforça a crença em uma conspiração contra os patriotas e na existência de um plano para prender opositores, legitimando ações de mobilização como forma de resistência a um Estado percebido como injusto. Tal construção discursiva fomenta a desinformação e potencializa a violência política, ao transformar medidas legais em sinais de perseguição e traição institucional.

Imagem 6. Comemoração ao Golpe.



Fonte: perfil @printsminions.

Outra postagem analisada, aponta a expressividade da tentativa de golpe de 08 de janeiro e enfatiza o papel estratégico de Bolsonaro nas articulações do movimento. A Telegram 6. Comemoração ao Golpe, também retrata a necessidade de anistiar os condenados pelo ato.

A análise tridimensional da postagem evidencia a construção de uma narrativa revisionista e legitimadora dos atos de 8 de janeiro, reinterpretados como manifestações patrióticas e injustamente punidas. No nível textual, o vocabulário é marcado por termos de forte carga emocional, como «emocionante», «vibrante» e «injustamente penalizadas», que reforçam uma leitura positiva dos eventos. A gramática, composta por frases curtas e afirmativas, contribui para a criação de um tom de exaltação e consenso, enquanto o uso de emojis (bandeiras do Brasil, troféus e aplausos), intensifica o caráter celebrativo e identitário da mensagem. A coesão textual é sustentada por referências partilhadas ao imaginário nacionalista, em que o «povo patriota» é oposto às «instituições injustas», e a estrutura textual reproduz o formato de conversa típica dos grupos de apoio político, marcada pela informalidade e pela validação mútua entre os participantes.

Na dimensão das práticas discursivas, a postagem é produzida e difundida em um grupo de Telegram alinhado à extrema direita, onde circulam narrativas que buscam ressignificar o 8 de janeiro, episódio de tentativa de subversão da ordem democrática, como ato de resistência cívica. As mensagens trocadas entre os usuários configuram uma prática de reafirmação identitária e de legitimação interna do grupo. O compartilhamento de frases atribuídas a Bolsonaro e de relatos supostamente censurados pela mídia «ônibus detidos pela PRF» reforça a intertextualidade com discursos conspiratórios e antissistêmicos. Essa interdiscursividade combina elementos patrióticos, religiosos e políticos, mobilizando símbolos nacionais para sustentar uma visão heroica e vitimizada do ato.

Na dimensão da prática social, o discurso revela a persistência de estratégias de desinformação voltadas à naturalização da violência política e à inversão moral dos papéis sociais. Ao reivindicar anistia e exaltar a emoção dos atos, as postagens deslocam o foco da responsabilidade criminal para a ideia de injustiça institucional, legitimando a impunidade sob o pretexto de defesa da pátria. Assim, a mensagem reflete a função social da desinformação como dispositivo de poder simbólico, capaz de reconfigurar o sentido dos acontecimentos e reforçar vínculos comunitários em torno de uma identidade política compartilhada.

5. Considerações finais

No ecossistema comunicacional da extrema-direita, especialmente no bolsonarismo, o discurso desinformativo não atua de forma acidental, mas como um mecanismo estruturante de mobilização e coesão socia (Farkas e Schou, 2019). Ele cria narrativas simplificadas, apela à emoção e reforça antagonismos morais que dividem o campo político entre «nós» e «eles», transformando a esfera pública digital em um espaço de combate simbólico.

A análise das postagens coletadas demonstra que a desinformação não atua apenas como desvio comunicacional, mas como uma prática discursiva estruturante de poder nas plataformas digitais. O estudo evidencia que as mensagens circulantes em grupos bolsonaristas no Telegram constroem narrativas baseadas na hostilidade institucional, no apelo emocional e na criação de inimigos simbólicos, frequentemente articuladas em defesa de Bolsonaro e de sua liderança política. Essa dinâmica converte o espaço digital em arena política de disputa de sentidos, na qual o engajamento é movido por afetos negativos e pela produção de pertencimento ideológico.

As categorias analisadas revelam uma coerência interna no ecossistema discursivo da extrema-direita, que combina elementos religiosos, pseudocientíficos e conspiratórios para reforçar uma visão antissistêmica e antidemocrática. O uso de linguagem emocional, simplificada e moralizante contribui para a naturalização do conflito e para a legitimação da violência simbólica como forma de ação política. Nesse sentido, as plataformas digitais desempenham papel central na consolidação desse poder simbólico, ao favorecerem a circulação e o engajamento de conteúdos desinformativos sob a lógica algorítmica da atenção, assegurando visibilidade e permanência às narrativas bolsonaristas no espaço público digital.

Estudos posteriores podem ampliar o corpus empírico e realizar a coleta direta em grupos do Telegram, permitindo uma observação mais sistemática das dinâmicas de produção e circulação das postagens. Além disso, investigações comparativas entre diferentes plataformas digitais - como Telegram, WhatsApp, X e outras redes sociais - podem contribuir para compreender de que maneira essas narrativas se transformam ao circular entre distintos ambientes e infraestruturas digitais. Ainda, abordagens que considerem o funcionamento do ecossistema informacional contemporâneo e as dinâmicas de circulação multiplataforma podem oferecer novos insights sobre os mecanismos de amplificação da desinformação.

Referências bibliográficas

Arendt, H. (1985): *Da violência*. Brasília: UNB.

Avritzer, L.; Kerche, F. y Marona, M. (2021): *Governo Bolsonaro: retrocesso democrático e degradação política*. São Paulo: Autêntica.

Bourdieu, P. (1989): *O poder simbólico*. Río de Janeiro: Bertrand Brasil.

Bruno, F.; Bentes, A. e Faltay, P. (2019): «Economia psíquica dos algoritmos e laboratório de plataforma: mercado, ciência e modulação do comportamento». *Revista FAMECOS, 26*(3). https://doi.org/10.15448/1980-3729.2019.3.33095.

Cesarino, L. (2020): «Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil». *Internet & Sociedade, 1*(1): 91-120. Disponível em: https://revista.internetlab.org.br/serifcomo-vencer-uma-eleicao-sem-sair-de-casa-serif-a-ascensao-do-populismo-digital-no-brasil/

Cesarino, L. (2022): *O mundo do avesso: verdade e política na era digital*. São Paulo: Ubu Editora.

Da Empoli, G. (2020): *Os engenheiros do caos*. São Paulo: Vestígio.

Fairclough, N. (2001): *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora da UNB.

Farkas, J.; e Schou, J. (2019): *Post-truth, fake news and democracy: Mapping the politics of falsehood*. Londres: Routledge.

Fernandes, C. M.; Oliveira, L. A.; Coimbra, M. R., e Santos, D. L. V. dos (2021): «Comunicação política e midiatização: O embate de Bolsonaro com a imprensa». *Intexto*, 52: 98933. https://doi.org/10.19132/1807-8583202152.98933

Fernandes, C. M.; Oliveira, L. A. de, e Gomes, V. B. (2023): «A rede de desinformação no Twitter». *Sapere Aude, 14*(28): 536–556. https://doi.org/10.5752/P.2177-6342.2023v14n28p536-556.

Fernandes, C. M.; Gomes, V. B.; Oliveira, L. A., e Botelho, M. A. (2025): «Democracia sob ataque: Narrativas de orquestração do golpe, em janeiro de 2023». *Revista de Políticas Públicas, 29*(1): 70–86. https://doi.org/10.18764/2178-2865v29n1.2025.

Filgueiras, F.; Mendonça, R. F. e Almeida, V. (2025): «Inteligência Artificial e democracia: humanos, máquinas e instituições algorítmicas». *Estudos Avançados, 39*(113): e39113075. https://doi.org/10.1590/s0103-4014.202539113.005

Fuentes Codera, M., e Rodrigo, J. (2024). «Ecos del fascismo: Derecha radical y populismo, de Trump a Vox». *Ayer, 133*(1): 347–361. https://doi.org/10.55509/ayer/2164

Foucault, M. (1979): *Microfísica do poder.* Río de Janeiro: Edições Graal.

Foucault, M. (1996): *A ordem do discurso.* São Paulo: Loyola.

Foucault, M. (2008): *A arqueologia do saber.* Río de Janeiro: Forense Universitária.

Gerbaudo, P. (2018): «Social media and populism: an elective affinity?». Media, Culture & Society, 40(5): 745–753. https://doi.org/10.1177/016344371877219.

Konieczny, M. (2022): «Manipulation of the transfer of information on the example of the activities of Polish law enforcement agencies». *Annuals of the Administration and Law (Roczniki Administracji i Prawa), 22*(4): 117–127. https://doi.org/10.5604/01.3001.0016.3371

Levitsky, S., e Ziblatt, D. (2018): *Como as democracias morrem*. Rio de Janeiro: Zahar.

Machado, C. C. D. (2025): «Raiva, sonhos e insubordinação: Como a extrema direita e as mídias digitais mobilizam a classe trabalhadora plataformizada». *Horizontes Antropológicos, 31*(73): 1-27. https://doi.org/10.1590/1806-9983e730601

Mouffe, C. (2018): *For a left populism*. Londres: Verso.

Mudde, C. (2007): *Populist radical right parties in Europe*. Cambridge: Cambridge University Press.

Müller, J.-W. (2016): *What is Populism?* Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

Papacharissi, Z. (2015): *Affective publics: Sentiment, technology, and politics*. Oxford: Oxford University Press.

Pariser, E. (2011): *The Filter Bubble. What the Internet is Hiding from You*. New York: The Penguin Press.

Pimenta, D., e Magalhães, P. C. (2025): «Shattering the Duopoly: The 2025 Portuguese Elections and the Rise of the Radical Right». *Revista Más Poder Local*, (61): 167-177. https://doi.i.org/10.56151/maspoderlocal.300

Ramírez, I., e Vommaro, G. (2024): «Milei, ¿por qué? Hechos e interpretaciones de una erupción electoral». Revista Más Poder Local, 55: 161-171.

Recuero, R.; Zago, G. da S., e Soares, F. B. (2017): Mídia social e filtros-bolha nas conversações políticas no Twitter. In *Anais do XXVI Encontro Anual da Compós. Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação*. https://lume.ufrgs.br/handle/10183/166193

Rêgo, A. R. (2021): «Vigilância, controle e atenção: a desinformação como estratégia». *Organicom, 17*(34): 82-92. https://doi.org/10.11606/issn.2238-2593.organicom.2021.180753.

Tucci, G., e Gouveia, F. C. (2025): «Detecting opinion leaders in a Telegram network of forwarded messages». In *Selected Papers of the 26th Annual Conference of the Association of Internet Researchers* (AoIR 2025). Niterói, Brazil. https://doi.org/10.5210/spir.v2024i0.15346

Van Dijk, T. A. (2008): *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto.

Wardle, C.; e Derakhshan, H. (2017): *Information disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making*. Council of Europe (online). https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-researc/168076277c (Acessado em 20 de maio de 2025).

Wijermars, M.; e Lokot, T. (2022): «Is Telegram a «harbinger of freedom»? The performance, practices, and perception of platforms as political actors in authoritarian states». *Post-Soviet Affairs, 38*(1-2): 125–145. https://doi.org/10.1080/1060586X.2022.2030645

©Derechos del autor o autores. Creative Commons License. Este artículo está bajo una licencia internacional Creative Commons Atribución-NoComercial-SinDerivadas 4.0.
©Copyright of the author or authors. Creative Commons License. This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License.